

VIAJANTES DE CLIO: INTELLECTUALS, INTERCÂMBIOS E FORMAÇÃO

CLIO TRAVELERS: INTELLECTUALS, EXCHANGES AND FORMATION

Alexandra Lima da Silva¹

RESUMO: O presente trabalho objetiva investigar os sentidos das viagens realizadas por intelectuais que se dedicaram à escrita de livros didáticos de História é o horizonte do presente trabalho. Objetiva analisar a importância das viagens no que se refere à circulação de livros e ideias referentes ao ensino de História do Brasil, sobretudo entre finais do século XIX até metade do século XX. Em suma, trilhar as viagens dos intelectuais que se dedicaram à escrita de manuais didáticos de história pode auxiliar no entendimento dos conflitos e competições do mercado editorial no período, com especial atenção à expansão do público escolar e às diferentes ações dos editores no sentido de ampliar a circulação de livros, dentro e fora do país.

Palavras-chave: intelectuais; formação; viagens; intercâmbio; circulação de livros.

ABSTRACT: This study aims to investigate the way of travel by intellectuals who have devoted themselves to writing textbooks of history is the horizon of this work. It aims to analyze the importance of travel in relation to the circulation of books and ideas for the teaching of history in Brazil, especially among the late nineteenth century to the mid-twentieth century. In short, walk travel intellectuals who have devoted themselves to writing textbooks of history can help understand the conflicts and competitions of the publishing market in the period, with special attention to the expansion of public school and the different actions of publishers in order to enlarge the circulation of books, inside and outside the country.

Keywords: intellectual; formation; travels; exchange; circulation of books.

¹ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e do ProfHistória – Mestrado Profissional em Ensino de História, núcleo da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá/MT. Professora da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista Jovem Cientista do Nosso Estado da FAPERJ. Doutora em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: alexandralima1075@gmail.com

Introdução

Em *Uma viagem sentimental*, Afrânio Peixoto afirma que “viajar é aumentar o tempo com o espaço.... É viver mais. Conhecendo, comparando, julgando, variando, realizando o milagre da ubiquidade”(PEIXOTO, 1947, p. 5). Uma prática, muitas possibilidades a investigar. Um dos entendimentos para a ideia de viagem remete a uma prática social repleta de sentidos e significados, que varia de acordo com o período, o lugar social de quem a prática e suas motivações.

Deste modo, na tese intitulada *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual* procurei compreender os significados de uma travessia de quase cinco meses pelo Brasil afora na experiência do professor de história José Francisco da Rocha Pombo (1857-1933), onde defendi que o trânsito por diferentes estados e instituições foi fundamental para a afirmação do autor no campo da escrita da história (SILVA, 2012).

No referido trabalho, passei a conceber a experiência de Rocha Pombo num diferente ângulo, que além de professor, historiador, escritor, poeta, jornalista, político, poderia também ser concebido em sua dimensão de viajante. Deste movimento, emergiu uma das questões que orientam o presente trabalho. Assim como Rocha Pombo, que outros intelectuais cruzaram pontes na interlocução possibilitada entre as escritas de viagem e as escritas da História?

Investigar os sentidos das viagens realizadas por intelectuais que se dedicaram à escrita de livros didáticos de História é o horizonte do presente trabalho. Objetiva analisar a importância das viagens no que se refere à circulação de livros e ideias referentes ao ensino de História do Brasil, sobretudo entre finais do século XIX até metade do século XX. Nomes como Eduardo Prado (1860-1901), João Ribeiro (1860-1934), Júlio Afrânio Peixoto (1876-1947), Sílvio Romero (1851-1914), Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913), Hélio Viana (1908-1972), Pedro Calmon (1902-1985), foram alguns dos que se dedicaram à escrita da história e realizaram viagens para o exterior. Dentre aqueles que viajaram pelos estados do Brasil e escreveram sobre a História do país, destaco as experiências de Joaquim Osório Duque- Estrada (1870-1927), que em 1909 publicou o livro *Norte do Brasil: impressões de viagem* ou ainda, Julia Lopes de Almeida (1862-1934), autora que em 1918 viajou pelo Brasil e escreveu o livro *Jornadas no meu país*.

Situo o presente artigo no cruzamento das discussões travadas no âmbito dos estudos referentes ao Ensino de História bem como, aos estudos sobre intelectuais, uma vez que a viagem é pensada aqui como uma prática social no fazer-se desta categoria. Repleta de significados, a viagem pode ser pensada como representação, entendida enquanto “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço a ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p. 17). Deste modo, concebo como aportes teóricos as contribuições de Chartier, na percepção do social como “estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas” (CHARTIER, 1990, p. 17).

Assim, em relação à categoria intelectual, remetemos ao campo aberto pela chamada História Intelectual, situada no cruzamento das Histórias Política, Social e Cultural, onde intelectuais são definidos como “produtores de bens simbólicos, mediadores culturais e atores do político”, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates. Dentre os estudos sobre “intelectuais”, busco um diálogo mais estreito com as perspectivas teóricas de Sirinelli, entendendo intelectuais em uma dupla acepção: uma mais ampla, como “criadores e mediadores culturais” e outra mais estreita, baseada na noção de “engajamento” (SIRINELLI, 1996).

Para Bourdieu, “a invenção do intelectual” teria se consumado com Zola, não supondo apenas a autonomização prévia do campo intelectual, sendo o resultado prévio de outro processo de diferenciação, “aquele que leva à constituição de um corpo de profissionais da política e exerce efeitos indiretos sobre a constituição do campo intelectual” (BOURDIEU, 1996, p. 151). Enquanto um mundo à parte, disse Bourdieu, o campo intelectual seria um campo como os outros, onde as noções de poder e luta são cruciais. O campo intelectual (ou literário) é também um lugar de “relações de força (e de lutas que visam transformá-las ou conservá-las)”, em torno de uma “espécie muito particular de capital”, o qual é alvo das “lutas de concorrência” dentro do próprio campo, em que “o capital simbólico como capital de reconhecimento ou consagração institucionalizada ou não, que os diferentes agentes e instituições conseguiram acumular no decorrer das lutas anteriores ao preço de um trabalho e estratégias específicas” (BOURDIEU, 1987, p. 170).

A viagem empreendida por um intelectual pode ser uma ação reveladora de suas redes de sociabilidade, apoio e prestígio, ou ainda, uma estratégia na luta pela legitimação em meio a elas, em seus microclimas, tensões e clivagens no interior dos grupos. Com respeito ao entendimento da noção de legitimação, penso que se devem considerar os processos e modos de obtenção de uma legitimidade ou aprovação entre os membros de uma coletividade. Nesse sentido, conforme salienta Bourdieu, “o reconhecimento, marcado e garantido socialmente por todo um conjunto de sinais específicos de consagração que os pares/concorrentes concedem a cada um de seus membros, é função do valor distintivo de seus produtos (...)” (BOURDIEU, 1983, p. 127).

Atentamos, nesta medida, para o entendimento das trajetórias e usos dos livros pelos distintos sujeitos, no que a análise das escritas íntimas e memórias têm contribuído bastante (VIÑAO FRAGO, 2000). Já em relação aos trabalhos sobre livros didáticos de História, muitas são as correntes teóricas que se propõem a pesquisá-los (CHOPPIN, 2004; BITTENCOURT, 1993; GASPARELLO, 2002). Circe Bittencourt analisa a construção do saber escolar em livros didáticos de História referentes ao período da criação das primeiras escolas públicas elementares e secundárias até os anos iniciais da República (BITTENCOURT, 1993). Aludindo a toda produção nacional, seu trabalho é uma importante contribuição, sobretudo por perceber o objeto em suas múltiplas dimensões, apontando para as articulações entre Estado e mercado editorial e para a complexidade dos domínios que envolvem o livro: mercadoria/ instrumento de ensino/ veiculação de ideias e valores. Gasparello propôs uma “história dos livros didáticos de História do Brasil”, acompanhando a configuração da disciplina escolar no ensino institucional secundário brasileiro, tendo como foco de análise o Colégio Pedro II e os programas de ensino da história nacional (GASPARELLO, 2002). Por outro lado, há análises específicas sobre autores de livros didáticos de história, como os trabalhos produzidos sobre Rocha Pombo (SILVA, 2012), João Ribeiro (HANSEN, 2000), Joaquim Manuel de Macedo (MATTOS, 1993), Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (CHAMON, 2008), Joaquim Maria de Lacerda (FREITAS, 2007), Joaquim Osório Duque-Estada (MORAES, 2007), Abreu e Lima (MATTOS, 2007), dentre outros.

Para pensar a relação viagens/formação, os estudos na área de história da educação vêm contribuindo significativamente para pensar a importância das viagens,

para a formação docente, a circulação de modelos pedagógicos, a difusão de livros e teorias educacionais, enfim, o intercâmbio, a troca, de saberes práticas pedagógicas (MIGNOT; GONDRA, 2007). Neste sentido, tais estudos cada vez mais, trazem à tona experiências enquanto viajantes de sujeitos plurais, tais como professores, diretores de escola, inspetores de ensino, religiosos e políticos, dentre outros.

Nesse sentido, o italiano Ginzburg (2004) auxilia no entendimento da ideia de circularidade cultural, atentando para o fato de que ninguém é uma ilha, onde os debates e a circulação em âmbito nacional e internacional são importantes para o diálogo e a formação.

Outra importante referência para pensar o intercâmbio e a circulação de ideais é o trabalho de Ana Paula Barcelos Ribeiro da Silva, no qual a autora analisa a importância das trocas entre intelectuais da Argentina e do Brasil, sobretudo para pensar as discussões em relação à escrita da História (SILVA, 2011). Já o italiano Carlo Ginzburg, auxilia no entendimento da ideia de circularidade cultural atentando para o fato de que ninguém é uma ilha, onde os debates e a circulação em âmbito nacional e internacional são importantes para o diálogo e a formação (GINZBURG, 2004).

Viajantes de Clio: escrita da história, pesquisa e educação

Qual o lugar dos viajantes que se dedicaram à escrita e ao ensino de História? Quais os impactos das viagens nas escritas de tais autores/professores? Qual a importância das viagens para tais intelectuais? Se por um lado, é possível identificar elementos que os unem, tais como a viagem e a escrita da história, quais as especificidades de tais experiências? Quais destes viajantes foram também, professores? Quais se dedicaram ao ensino de História? Tais viagens foram momentos formadores? Possibilitaram intercâmbios? O significava viajar para dentro e para fora do país? Há relação entre viagem e mercado editorial?

Mapeamento feito a partir da preocupação em localizar as experiências de viagens realizadas por autores de livros de história

Nome	Tipo de escrita de viagem	Para onde viajou?	Quando?	Por quê?	Livros de história publicados
Joaquim Osório Duque- Estrada	<i>Norte do Brasil: impressões de viagem</i> , 1909.	Norte do Brasil	1908	Pesquisa	<i>História do Brasil</i> . Para uso das escolas normais, 1918.
Maria Guilhermina Loreiro de Andrade	Cartas e livro	EUA	1883	Estudar os métodos froebelianos, onde preparou-se para observar os métodos da dita Educação Nova, praticados no New York Seminary for Kindergartners.	<i>Resumo de História do Brasil</i> , 1888.
João Ribeiro	Cartas	Diversos países da Europa e alguns estados do Brasil(?)	Entre final do século XIX e décadas iniciais do século XX.	Estudo, pesquisa, formação	<i>Historia do Brasil. Para uso das escolas e dos Lyceus</i> . 1900. <i>Rudimentos de História do Brasil</i> , 1924 <i>História do Brasil</i> . Curso Superior. Adotado no Ginásio Nacional, 1900.
Max Fleiuss	Cartas	América Latina	1937	Participar de congressos em países da America Latina. Intercâmbios.	<i>Quadros de História Pátria</i> , 1919.
Basílio de Magalhães				Congresso Americano da Criança (Buenos Aires, 1916). Intercâmbios	<i>Quadros de História Pátria</i> <i>História do Brasil - 3ª série</i> ", de 1945
Afrânio Peixoto		Europa, Ásia, África, Estados Unidos.	Entre 1904 e 1906 e outros	Estudo, pesquisa, formação.	<i>Minha terra, minha gente</i> , 1918
Sílvio Romero		Europa	Final do século XIX e princípios do século XX	Estudo, pesquisa, formação.	<i>A história do Brasil contada pela biografia de seus heróis</i> , 1890.
Pedro Calmon	Livro de memórias, cartas	Estados brasileiros, América Latina e Europa	Até a metade do século XX	Congressos, pesquisas, comissões	<i>História do Brasil</i> , 7 vols., ilustrados
Gonçalves Dias	Livro de viagem e cartas	Norte do Brasil e Europa	1861 e 1862	Estudo, intercâmbios, formação.	<i>História Pátria</i>
Hélio Vianna	Livro de viagens	Estados brasileiros e países do exterior	Até a metade do século XX	Estudo, formação, ampliação de redes de sociabilidade.	História do Brasil, destinado aos ginásios e colégios

Julia Lopes de Almeida	Livro de viagem <i>Jornadas no meu país</i>	Estados brasileiros	1918	Formação, ampliação de redes de sociabilidade.	<i>Historias da nossa terra</i> , 1905
Eduardo Paulo da Silva Prado	<i>Viagens</i> , 1886-1902 <i>A ilusão americana</i> , 1893	Europa e Egito	Décadas finais do século XIX	Comissões do governo	<i>III Centenário de Anchieta</i> , 1900.

Fonte: Produção própria

A partir deste quadro de diferentes experiências, é possível aferir que a viagem foi prática frequente entre alguns daqueles que se dedicaram à escrita da História e ao ensino da disciplina. Por quê? Qual a importância deste movimento para tais intelectuais?

A partir do mapeamento das diferentes viagens realizadas, destaco no presente texto as trajetórias de dois viajantes: Gonçalves Dias e João Ribeiro. Se por um lado, é possível identificar elementos que os unem, tais como a viagem e a escrita da história, quais as especificidades de tais experiências? Quais destes viajantes foram também, professores? Quais se dedicaram ao ensino de História? Tais viagens foram momentos formadores? O significava viajar para dentro e para fora do país?

Gonçalves Dias: historiador, professor, poeta, viajante

Antonio Gonçalves Dias era filho de um negociante português e de uma mestiça. Nasceu na cidade de Caxias, na então província do Maranhão, no dia 10 de agosto de 1823, foi poeta, professor, crítico de história, etnólogo. Faleceu em naufrágio, no Baixo dos Atins, Maranhão, em 3 de novembro de 1864. A realização das viagens foi algo constante na vida de Gonçalves Dias.

Em 1849, foi nomeado professor de Latim e História do Colégio Pedro II e fundou a revista Guanabara. Assim, interroga-se a importância das viagens na escrita da história do autor e, também, os impactos ou não, em sua formação e formação como professor de História. Nomeado para a Secretaria dos Negócios Estrangeiros, permaneceu na Europa de 1854 a 1858, em missão oficial de estudos e pesquisa. Em 56, viajou para a Alemanha e, na passagem por Leipzig, em 57, o livreiro-editor Brockhaus editou os Cantos, os primeiros quatro cantos de Os Timbiras, compostos dez anos antes, e o Dicionário da língua tupi. Retornou ao Brasil e, em 1861 e 62, viajou pelo Norte,

pelos rios Madeira e Negro, como membro da Comissão Científica de Exploração. Voltou ao Rio de Janeiro em 1862, seguindo logo para a Europa, em tratamento de saúde, bastante abalada, e buscando estações de cura em várias cidades europeias.

No âmbito da recente produção acadêmica brasileira, destaco alguns estudos. A dissertação de mestrado intitulada *A presença do Medievalismo em Gonçalves Dias: um estudo das Sextilhas de Frei Antão*, de autoria de Chiari (2008), indica certa relação da obra de Gonçalves Dias com uma corrente medievalista do Romantismo. Nesse sentido, mais uma vez Gonçalves Dias é considerado apenas em uma única frente de atuação: a de literato.

Por seu turno, a dissertação de mestrado intitulada *O santo comércio da amizade: política, literatura e sociabilidade na trajetória de Gonçalves Dias*, de Faria (2011), procura compreender “a construção da imagem do poeta Gonçalves Dias que conhecemos hoje” (FARIA, 2011, p. 9). A autora faz uso das correspondências para analisar “o peso que suas relações sociais exerceram na formação de sua identidade autoral” (FARIA, 2011, p. 9).

Não obstante às contribuições dos trabalhos acima citados, busco analisar a correspondência ativa de Gonçalves Dias como um ego-documento e também, enquanto uma escrita de viagem, uma vez que boa parte das missivas foram escritas durante viagens do autor pelo Brasil e pelo mundo, revelando as redes de sociabilidades e o mundo interior do próprio remetente. Assim, procuro interrogar, os significados de por que, “ao contrário da maioria dos grandes poetas românticos, Gonçalves Dias deixou vasto material de caráter epistolar” (ANAIS DA BIBLIOTECA NACIONAL, 1964, p. 4). Ao analisar a correspondência publicada pela Biblioteca Nacional, é preciso considerar o processo de organização desses escritos, que inicialmente, eram manuscritos, e que se encontravam dispersos.

Um viajante incansável: correspondência, escrita de si e redes de sociabilidade

Afinal, por que o autor de *Canção do exílio* escrevia tantas cartas? A partir da análise de 295 cartas do autor, no período de 1841 a 1864, evidencia-se a rotineira correspondência de Gonçalves Dias. Em boa parte das epístolas, relata sobre o andamento de suas obras, dramas para o teatro, poesias dentre outros. As temáticas das cartas variavam de acordo com o destinatário, bem como, distintas eram as

representações construídas sobre si para o outro. O tipo de relação com o destinatário era crucial na construção da imagem que Gonçalves Dias queria projetar para o leitor de suas missivas.

A escrita epistolar em um sujeito como Gonçalves Dias ajuda no entendimento de aspectos como o preenchimento do vazio da solidão, sendo a escrita um refúgio, num exercício de luta e combate ao isolamento. Pode ser também, o suporte para os que desejam ficar sós, em que a escrita de epístolas, a exemplo do que ocorre com os diários, exerce a função de companheiro, interlocutor de angústias, sentimentos, confissões (ALBERCA, 2000, p. 35).

Gonçalves Dias foi um viajante. Assim, durante o trânsito por diferentes províncias ou mesmo, diferentes países, escrevia para se comunicar com familiares, amigos, parentes, autoridades, dentre outros. Muitas eram as notícias de viagem que chegavam através das cartas, importantes meios de comunicação no século XIX.

Um corpus documental importante referente ao objeto de pesquisa do presente trabalho encontra-se na Biblioteca Nacional, onde foram localizados, por exemplo, trechos de um caderno de viagem de Gonçalves Dias, contendo inúmeras referências a assuntos indígenas. Assim, durante o trânsito por diferentes províncias ou mesmo, diferentes países, o intelectual escrevia para se comunicar com familiares, amigos, parentes, autoridades, dentre outros. Muitas eram as notícias de viagem que chegavam através das cartas, importantes meios de comunicação no século XIX.

Gonçalves Dias utilizava a escrita para manter contatos, acordos e manter-se informado a respeito dos mais variadas questões. Vejamos algumas delas.

Teófilo,
Recebi há tempos a tua carta. Há tempo te respondi. Todos nós vamos vem igual de saúde. As aulas continuam excelentes. Tenho um arripio- vou a ter reumatismo e talvez já amanhã não possa sair à rua. O Aires está em Lisboa e o Antônio Albino recomenda-se. Espero que a isto é que se chama dar notícias. Não tenho feito nada. Estudo a cumprir. O Drama está por copiar- O romance por acabar. Tenho suspenso uma certa ordem de estudos, que tenho de fazer para principiar o Poema de que te falei. Quando te casas tu? Lembranças a teus pais e manos e lembra-te do teu do Coração.

G Dias,
Janeiro, 10 de 44

No sentido oposto, as cartas remetidas ao Imperador D. Pedro II, eram extremamente formais e repletas de reverências:

Meu senhor,

O Sr. Ministro do Império encarregou ao Sr. Gabaglia e a mim de fazer algumas compras de objetos para uso da Comissão Científica, que V. M. manda para explorar o interior em algumas das Províncias menos conhecidas do seu Império. Essas ordens ficaram retardadas não sei aonde, porque sendo alguns desses ofícios de fevereiro, recebi-os a todos de uma vez, depois de meados de maio: foi isso um triste acaso, porque muitas dessas compras precisam de tempo que assim se tornou mais espaçado.

Pela minha parte também isso não se poderia fazer sem tempo, ainda que em verdade o prazo seria então incomparavelmente mais curto. Dirigi-me ao Brockhaus de Leipzig para a encomenda de livros. [...] Fazendo votos pela continuação da saúde de Vossa Majestade e prosperidade da Família Imperial, peço licença para beijar as Augustas Mãos de Vossa Majestade Imperial.

Humilíssimo súdito,
Antonio Gonçalves Dias

Dentre os exemplos de correspondência de cunho formal e oficial, destaco àquela enviada ao Conselheiro José Maria da Silva Paranhos:

Ilmo e Exmo Sr. Cons^o José Maria da Silva Paranhos,

A benignidade que sempre encontrei em V. Ex^a me anima a pedir-lhe que, esquecendo-se por alguns momentos da elevada posição em que se acha, se digne escutar-me como particular, no que me interessa da reforma da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros, que acaba de ser publicada nos jornais da corte.

Em 1850 (cito aproximadamente as datas) era eu professora no Imperial Colégio de Pedro II, e tendo necessidade de vir a minha Província, pedi uma licença que aceitaria sem vencimentos, e uma passagem de Estado nos paquetes da Companhia Brasileira. O negócio apesar de simples ofereceu dificuldades: deram-me em vez de licença, uma Comissão com os meus ordenados, ficando eu incumbido de estudar a Instrução Pública nas Províncias do norte, e de colher documentos históricos nos Arquivos Provinciais, e executado satisfatoriamente esse trabalho teria eu uma gratificação na minha volta. Qualquer que fosse a maneira porque desempenhei aquela comissão parece não ter desagradado ao governo, pois que a elogiou em três relatórios diferentes, prometendo a impressão de uma parte dos meus; mas essa impressão, mesmo parcial, nunca teve lugar; e para que eu recebesse a gratificação prometida e caprichosamente negada, tive de esgotar todos os recursos e de reduzir-me a condição de pretendente.

Nomeado oficial da Secretaria de Estrangeiros, deram-me para a Europa, passados tempos, as mesmas Comissões, em que eu já tinha estado nas Províncias do Norte. Comecei com os documentos

históricos em Portugal, mas estava a coleção ainda em princípio quando recebi nova ordem do governo para assistir à exposição universal de Paris, como Comissário por parte do Brasil, em companhia dos Drs. Capanema e Gabaglia [...] (Correspondência Ativa, 1964, pp. 249-250).

No fragmento de carta acima, nota-se insatisfação por parte de Gonçalves Dias em relação ao cargo comissionado na Secretaria de Estrangeiros. É interessante observar a função de pesquisador de documentação histórica desempenhada em arquivos portugueses, além da função de estudar a Instrução Pública no norte do Brasil. Todavia, o relato de Gonçalves Dias demonstra amargura em relação aos cargos burocráticos.

Ainda na mesma missiva, prossegue:

Para concluir a coleção dos documentos históricos, regressei a Lisboa, onde encontrei o Comendador João Francisco Lisboa, do qual se dizia a meia voz que ali estava encarregado de trabalhos idênticos aos meus, ainda que o não constasse. Não sei se fiz o que devia. Remeti para a Secretaria do Império perto de 50 volumes manuscritos in-folio, e pedi que em favor do Sr. Lisboa, me exonerassem daquela parte da minha Comissão. O governo acendeu afavelmente ao meu pedido calando a remessa, que eu lhe havia feito.

Quer V. Ex.^a saber o que foi feito desses trabalhos? Precisei de alguns desses manuscritos para uma notícia que tencionava apresentar ao Instituto e não os encontrei. Tinham saído da Secretaria do Império para as mãos de um homem, a quem só conheço pela carência absoluta de boa-fé e honestidade literária.

Precisei de uma parte dos relatórios, que há alguns anos havia apresentado acerca da Instrução nas províncias do Norte, o que me iria servir de base a trabalhos acadêmicos idênticos, feitos na Europa, por que tencionava mandá-los imprimir na Revista Brasileira, e não os achei também. Os nossos relatórios sobre a exposição foram aproveitados por um amigo, que se doeu de os ver em mortuório, e de que se perdesse tudo, como já uma parte se havia perdido.

Eu pela minha parte ainda que o governo me tivesse prometido com uma gratificação na minha volta, não julguei que a devia pedir quando esses trabalhos não mereciam a pena de comunicação usual de recebimento, de que aliás são tão pródigas as nossas secretarias. (...)

Á vista do exposto, figura-se-me que sou como o negociante em más circunstâncias que em vésperas de abrir falência procura o amigo, julgando que ainda lhe pode ser útil em alguma coisa. Digo pois ao Sr. Conselheiro Paranhos para que o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros se lembre, quando lhe parecer conveniente, que o meu lugar na Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros está vago desde hoje (Correspondência Ativa, 1964, p. 250).

Após longa explanação sobre seus motivos para insatisfação com o pertencimento à Comissão, Gonçalves Dias faz uso da carta ao Conselheiro José Maria da Silva Paranhos para se demitir do cargo.

João Ribeiro: um amante do velho mundo

Sergipano de Laranjeiras, João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes nasceu em 24 de junho de 1860. A exemplo de tantos outros, migrou para a Corte, o Rio de Janeiro, a fim de estabelecer-se no campo intelectual, sobrevivendo inicialmente principalmente graças ao jornalismo e ao magistério, uma vez que desde 1881 lecionava em escolas particulares. O apoio conquistado das relações que estabeleceu com nomes como Sílvio Romero e Max Fleiuss também foi crucial para o estabelecimento como intelectual e “homem de letras”. Aprovado em concurso para professor do Colégio Pedro II, importante instituição de ensino do Brasil imperial, com a tese *Morfologia e colocação de pronomes*, em 1887, apenas após a proclamação da República tornou-se professor no referido colégio, ocupando a cadeira de História Universal. Por sua vez, fora eleito para a cadeira número 31 da Academia Brasileira de Letras em 1898, espaço de consagração para literatos e homens de letras no país.

Na perspectiva de Hansen, “ao publicar sua *História do Brasil* em 1900, João Ribeiro já era um intelectual consagrado” (HANSEN, 2000, p. 11), pois estava “amparado institucionalmente por dois lugares de maior prestígio entre a elite letrada da época”: o Ginásio Nacional (Colégio Pedro II) e a Academia Brasileira de Letras. Desse modo, foi como professor de História do Colégio Pedro II, autor de livros didáticos e crítico, que João Ribeiro foi consagrado pela historiografia, pouco se considerando as outras dimensões da trajetória do polígrafo e poliglota intelectual, que era também, tradutor, filólogo, pintor e um amante das viagens, letras e artes. João Ribeiro esteve por dois anos em viagem à Europa comissionado pelo governo em 1895, para estudar os processos de ensino superior de história:

Pintor, músico, poeta, formado em direito, o autor da *História do Brasil*, que já manejava com vantagem os métodos de ensino ingleses, agora, depois de uma estada de dois anos na Alemanha, comissionado pelo Governo para estudar os processos de ensino superior da História do Brasil, surpreende-nos com uma feição nova e carregada desse gênio paradoxal que, na pátria de João Paulo Richter, tem produzido

senão arrebatado ao professorado, os mais cintilantes e originais seus escritores [...]. Pois bem, João Ribeiro assimilou esse espírito característico da literatura alemã; e não o fez em balde, porque hoje não hesita em por a serviço do ensino de história geral da civilização e do Brasil [...] (ARARIPE JR, 1900, p. 5).

Já no ano de 1901 retornou ao velho continente, onde visitou Paris, Berlim, Viena, Veneza e Milão, em que “suas peregrinações aos museus e às bibliotecas são frequentes. Em Paris, passa as manhãs no cais do Sena, nos buquinistas, folheando carinhosamente a lombada dos velhos livros...” (LEÃO, 1962, p. 27). Outra viagem realizada à Europa ocorreu no ano de 1914, quando inclusive solicitou exoneração do cargo de professor na escola dramática para tal investida no exterior.

Um dos grandes prazeres do espírito e do corpo é viajar por terras estranhas. Aprende-se, ganham-se novas experiências e, por vezes, tudo ainda mais se reflete no vigor da saúde e na alegria de viver. Tenho a paixão das viagens desde a infância, quando avidamente devorei os livros de Júlio Verne. Depois, a muito custo, quanto me permitiam a modéstia e a pobreza, abalei para longes climas, cedendo talvez ao velho instinto racial dos navegadores. Infelizmente, as minhas aventuras não foram muitas, nem muito demoradas. Mais de metade da Europa conheço-a como a conheceu Girardim, viajando sem pedantismo com a ingenuidade de um “badaud”. Sempre preferi aos museus a vida sem arqueologia da multidão viva e das ruas (João Ribeiro)².

A citação acima, publicada no periódico *Jornal do Brasil* exprime a relação intensa que João Ribeiro estabelecia com as viagens, vitais para sua existência. Apesar das dificuldades financeiras, o intelectual sergipano viajou três vezes ao continente europeu, com motivações e significados diversos. De acordo com o biógrafo Múcio Leão, a primeira viagem de João Ribeiro à Europa realizou-se no ano de 1895, na qual o sergipano integrou a comissão do governo brasileiro para estudar a Instrução Pública na França, Inglaterra, Holanda e Alemanha, além de integrar uma missão oficial, como representante do Brasil no Congresso de Propriedade Literária, realizado em Dresden, Alemanha, onde permaneceu um ano. No ano seguinte, participou do Congresso de Catálogo das Ciências, promovido pela Royal em Londres, para a organização do Catálogo Internacional (LEÃO, 1954). Além dos referidos congressos, João Ribeiro aproveitou a estância de dois anos para estudar. Na Alemanha, matriculou-se em cursos de pintura, onde acompanhou as aulas ministradas por Wildeburd Winch. Em Milão

²Cf. *Jornal do Brasil*, 24-6-1927.

ingressou na classe do professor Bartezzago. Por sua vez, outra atividade desenvolvida pelo intelectual brasileiro foi a direção do periódico *O Mundo Novo*, jornal escrito em português sobre o Brasil.

A busca por aprendizados, aperfeiçoamentos e formação foram outras constantes nas peregrinações de João Ribeiro aos museus, bibliotecas e arquivos, na busca por descobrir o “outro”. Assim, afirmava que “os viajantes, diz-nos, são os que melhor conhecem os povos que frequentam. Não demoram tanto que se lhes apaguem as primeiras impressões, e veem de longe aquilo que não podemos lobrigar por falta de distância própria à perspectiva verdadeira”³. Além do encantamento com a Alemanha, ainda no ano de 1895, o intelectual sergipano percorreu as cidades italianas de Florença, Veneza, Roma, Nápoles, Milão. A primeira viagem à Europa lhe rendeu também, algumas tristezas, pois durante essa temporada, viu morrer o filho Neco, além do nascimento e morte de Vera Xênia. Na bagagem de volta ao Brasil, em 1898, trouxera a dor da perda dos filhos, além do capital cultural adquirido no exterior.

A segunda viagem de João Ribeiro à Europa ocorreu em maio de 1901, na qualidade de adido extraordinário à Embaixada Brasileira no litígio anglo-brasileiro da Guiana Inglesa, em missão chefiada por Joaquim Nabuco. Visitou Paris e Berlim, apresentando-se nas viagens como sendo espanhol (LEÃO, 1962).

A partir de suas viagens à Europa, João Ribeiro entrou em contato com o historicismo alemão, trazendo novas referências, e diversificando uma História dominada pela influência francesa.

Por fim, em 1914 realizou a última viagem para o continente europeu, fixando residência em Genebra, a fim de prosseguir nos seus trabalhos. Pretendia fixar residência definitivamente na Suíça. Para isso, vendeu em leilão tudo que possuía inclusive sua biblioteca. A eclosão da Primeira Guerra Mundial forçou-o, entretanto, a regressar ao Brasil.

João Ribeiro estava envolvido com as ideias do historicismo alemão e o modelo de von Martius; além das concepções antropológicas em voga no Brasil. Para ele, a história, assim como apontou o naturalista bávaro, caracteriza-se pela “multiplicidade de origens e de pontos de iniciação no vasto território”. João Ribeiro era fortemente ligado à cultura alemã, tendo aproveitado suas viagens a Europa para estudar as artes e a história, marcadamente, o historicismo germânico do final do século XIX,

³ Cf. João Ribeiro, em artigo publicado no *Estado de São Paulo*, 31-3-1929.

cuja apropriação contribuiu para sua interpretação própria História do Brasil, com especial atenção aos aspectos culturais. Seus livros repercutiram no mundo intelectual e tiveram ampla aceitação no ensino, com versões para as escolas primárias e outra, em nível superior.

A nação para Ribeiro só se constituiria quando houvesse um povo brasileiro ativo que participasse da vida nacional, dentro das concepções dos intelectuais da época, que almejavam atingir os homens simples do povo, no sentido de elevar a nação, nos moldes europeus.

Considerações finais

O presente ensaio procurou dar visibilidade à importância das viagens no processo de formação, intercâmbios e circulação de ideias e debates referentes ao ensino de história e à educação, entre meados do século XIX a meados do século XX. Sujeitos como Gonçalves Dias e João Ribeiro aproveitavam os tempos de viagem para escrever, pesquisar, divulgar suas obras e fazer circular livros entre as regiões e países que visitavam.

Apesar de distintas as experiências dos sujeitos, a realização de viagens entre aqueles que se dedicaram à escrita de manuais didáticos de história pode auxiliar no entendimento dos conflitos e competições do mercado editorial no período, com especial atenção à expansão do público escolar e às diferentes ações dos editores no sentido de ampliar a circulação de livros, dentro e fora do país.

Referências

ALBERCA, M. *La escritura invisible*; Testimonios sobre el diário íntimo. Madrid: Sendoa, 2000.

Anais da Biblioteca Nacional. Correspondência ativa de Gonçalves Dias. Rio de Janeiro, v. 84, 1964.

ARARIPE JUNIOR. Prefácio à segunda edição da *História do Brasil*. In: RIBEIRO, J. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editor, 1900.

BARROSO, G, «A morte de Gonçalves Dias». In: *Gonçalves Dias: conferências realizadas na Academia Brasileira de Letras*, Rio de Janeiro, A Academia, 1948, p. 63-81.

BITTENCOURT, C. *Livro didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

BOURDIEU, P. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Sociologia*. (Org. Renato Ortiz). São Paulo: Ática, 1983.

CHAGAS, M. P. «A. Gonçalves Dias». In: *Ensaio Críticos*. Viúva More, 1866, p. 161-180. (Digit. Oxford University, 2007).

CHAMON, C. S. *Escolas em reforma, saberes em trânsito: a trajetória de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade (1869-1913)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CHARTIER, R. *A História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHOPPIN, A. História dos Livros e das edições didáticas: sobre o estudo da arte. *Educação & Pesquisa*. São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set/dez 2004.

FARIA, A. C. *O santo comércio da amizade: política, literatura e sociabilidade na trajetória de Gonçalves Dias*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

FREITAS, I. História do Brasil para crianças: o livro escolar nos primeiros anos da República e a iniciativa de Joaquim Maria de Lacerda. *Cadernos de História da Educação (UFU)*. Uberlândia, v. 6, p. 121-132, 2007.

GASPARELLO, A. M. *Construtores de identidades: os compêndios de História do Brasil do Colégio Pedro II (1838-1920)*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

HANSEN, P. S. *Feições e fisionomia: a história do Brasil de João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Access, 2000.

GINZBURG, C. *Nenhuma ilha é uma ilha. Quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

LEÃO, M. *João Ribeiro*. Ensaio Bibliográfico. Rio de Janeiro: Publicações da Academia Brasileira de Letras, 1954.

_____. *João Ribeiro*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1962.

MATTOS, S. R. *Para formar os brasileiros. O compêndio da História do Brasil de Abreu e Lima e a expansão para dentro do Império do Brasil*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MIGNOT, A. C. V.; GONDRA, J. G. *Viagens Pedagógicas*. São Paulo: Cortez, 2007.

MORAES, R. *Os maios de 1888: História e memória na escrita da História da Abolição em Osório Duque-Estrada*. Dissertação (Mestrado em História) – universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

PEIXOTO, J. A. *Viagem sentimental*. Kodaks e postais. Vol. XVI. Rio de Janeiro; São Paulo; Porto Alegre: Jackson Inc Editores, 1947.

SILVA, A. L. *Escritas de viagem, escritas da história: estratégias de legitimação de Rocha Pombo no campo intelectual*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SILVA, A. P. B. R. *Diálogos sobre a escrita da História*. Ibero-americanismo, catolicismo, (des) qualificação e alteridade no Brasil e na Argentina (1910-1940). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

SIRINELLI, J.-F.. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 1996, p. 231-269.

RECEBIDO EM: 15/04/2016
APROVADO EM: 23/06/2016